

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FNI

CEDI - P. I. B.  
DATA 31/12/86  
COD WTD40

Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1968.

Gilberto:

Estou satisfeito com o êxito obtido pelo encontro da sua equipe com os índios, na estrada Manaus-Boa Vista. Mas precisamos admitir novas experiências, nessas missões, principalmente quando há precedentes satisfatórios. Os nossos críticos já lembraram que uma das missões mais perfeitas, realizadas nesse setor, foi aquela em que o Chico Meireles, para um encontro com os Xavantes, levou sua própria mulher. Hoje esses índios, embora de cultura inferior aos Bororos, são muito mais independentes, trabalhadores, ousados, capazes (fabricam até açúcar, em Barra do Garças) do que aqueles.

Não lhe vou aconselhar que leve sua esposa a uma dessas missões. Mas é possível encontrar quem consiga casais dispostos a isso, principalmente aqueles que têm boa formação religiosa. Num encontro de padres e antropólogos em São Paulo, sustentaram os sacerdotes que o índio será mais fácil de integrar-se à civilização se, no seu meio, conviverem casais cristãos. Eles têm a obrigação do testemunho, o que não sucede com os demais.

Por isso mesmo me comuniquei com o Padre João Calleri, da Prelazia de Roraima, no sentido de que se tente reviver a experiência de Meireles, com o apoio de casais cristãos e de jovens dispostas a essa aventura da caridade. Aqui tenho uma, alemã, naturalizada americana, que mandei fazer especialização de enfermagem, em São Paulo. Fez-me excelentes relatórios sobre Apinagés e Carijós, em Goiás, com os quais conviveu durante quatro meses. Gosta dos índios, o que é importante.

O plano aprovado pelo Padre Calleri é o seguinte:

a) a aproximação deve ser feita em canoas, que, na região, é o transporte habitual dos índios, no limite do território tribal;

b) em lugar de entrar na terra do silvícola, atraí-lo à nossa, na margem oposta daquela onde se encontram suas malocas, esperando-se, pacientemente, sua aproximação;

c) não dar, mas trocar brindes, de maneira que o índio pense que nós precisamos dos seus valores, entregando-lhes os nossos.

O emprêgo de mulheres é para mostrar ao índio que não queremos tomar as suas. Você sabe que eles costumam raptá-las das outras tribos e vendo a aproximação exclusiva de homens, podem ficar desconfiados e até hostis.

A troca, em lugar da doação, é para evitar que se tornem exigentes, no futuro, ou passem a acreditar que os brancos estão com medo deles. Também o presente habitual ao mal, aconselha à indolência, como tudo que é ganho de graça, sem esforço.

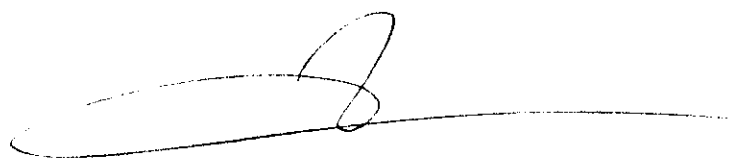
O uso da aproximação fluvial é favorável à própria segurança da missão, desde que os barcos são menos vulneráveis às flechas, principalmente quando se usam protetores de vidro ou plástico. Você sabe que, depois da descida do helicóptero, fica totalmente à mercê dos índios. Num barco protegido, pode aproximar-se bastante, em contínuos os reconhecimentos, sem maior perigo, pois o rio que limita o território tribal não é tido como propriedade deles.

Quanto ao comando da expedição, como se trata de uma experiência nova e não temos, para isso, mulheres suficientes na FNI, deve ser confiado ao Padre João Calleri, que tem uma boa experiência como antropólogo e lidada há muitos anos com índios. Você o auxiliará e ficará também como nosso observador, mandando-nos relatórios pelo menos mensais. Igualmente o Padre fará isso, sem que um esteja subordinado ao outro.

Creio que o que você fez, até agora, possibilitará os trabalhos da estrada, sem maiores riscos, tanto mais quanto o número de máquinas e homens utilizados é de molde a conservar o índio à distância, desde que não sejam incomodados diretamente. Penso que o Coronel Carijó já aprendeu o suficiente para evitar isso.

Portanto, entenda-se com a maior urgência com o Padre João e escreva-me dando notícias.

Com um abraço do



ILMO. SR.

GILBERTO PINTO DE FIGUEREDO COSTA

MANÁUS